

# ANÁLISE AOS CONTRIBUTOS PEDAGÓGICOS DO PADRE PEDRO M<sup>a</sup> AGUILAR AO ENSINO DOS SURDOS-MUDOS EM PORTUGAL (SÉC. XIX)

*Ernesto Candeias Martins<sup>1</sup>*

**Resumo:**

Pedro Maria Aguilar (1828?-1879) foi um pedagogo religioso dedicado ao ensino da surdez. Este sacerdote, nascido em Pinhel, foi capelão, professor de moral e bibliotecário na Escola Normal de Marvila (Lisboa), desenvolvendo nesse período as suas leituras e investigações na área da educação especial (domínio dos surdos-mudos), engrandecendo a pedagogia diferencial no ensino. Fundou Instituto de Surdos-Mudos em Guimarães (1870), que viria a encerrar por falta de recursos financeiros. Em 1877, recebe um subsídio da Câmara Municipal e funda Instituto de Surdos-Mudos do Porto, extinto em 1887, sob as ordens do seu sobrinho, Eliseu Aguilar. Analisaremos, de forma hermenêutica e reflexiva, os contributos deste educador, no âmbito da educação especial e pedagogia diferenciada. Utilizámos várias fontes primárias (arquivos, centros de documentação) e secundárias. Padre Aguilar foi um pedagogo, de pouca obra escrita, que aprofundou o método de ensino dos sinais metódicos e perfilou métodos intuitivos nesse ensino relevantes na época.

**Palavras-chave:** Pedro M<sup>a</sup> Aguilar. História da educação. Educação especial. Surdos-mudos. Pedagogia diferencial.

---

<sup>1</sup>Doutor em Ciências da Educação (área de H.<sup>a</sup> da Educação Social/Teoria e H.<sup>a</sup> da Educação), Mestre em educação e Licenciado em Pedagogia e em Filosofia. É docente do ensino superior politécnico desde 1987, pertence ao Dept.<sup>o</sup>/UTC-CSH, coordenador de vários cursos (licenciatura e mestrado), avaliador externo e investigador integrado no CeIED da Universidade Lusófona de Lisboa.

E-mail: ernesto@ipcb.pt

## **ANALYSIS TO THE EDUCATIONAL CONTRIBUTIONS OF FR. PEDRO M<sup>a</sup> AGUILAR TO EDUCATION OF THE DEAF AND DUMB IN PORTUGAL (19<sup>ST</sup> CENTURY)**

*Ernesto Candeias Martins*

**Abstract:**

Pedro Maria Aguilar (1828?-1879) was a religious educator dedicated to the teaching of deafness. This priest, born in Pinhel, was chaplain, professor and librarian at the École Normale de Marvila (Lisbon), developing during this period their readings and research in the area of special education (field of deaf-mutes), magnify differential teaching pedagogy. Founded Institute for deaf-mutes in Guimarães (1870), which was to close for lack of financial resources. In 1877, receives a grant from the City Council and founded Institute for deaf-mutes of Porto, extinct in 1887, under the orders of your nephew, Elisha Aguilar. We will look at, so reflective, hermeneutics and the contributions of this educator within the special education and pedagogy. We have used various primary sources (files, documentation centers) and secondary. Father Aguilar was a pedagogue, little written work, which deepened the teaching method of the methodical signs and intuitive methods in that relevant education profiled at the time.

**Keywords:** Pedro M<sup>a</sup> Aguilar. History of education. Special education. Seaf-mutes. Differentiated pedagogy.

## Questões prévias

Trataremos sobre a temática dos surdos ou surdos-mudos (esta designação é hoje desusada e inadequada, refere-se a uma realidade do passado), os quais foram historicamente considerados de menor valor social, dado que a deficiência era, muitas, explorada para obter esmolas e prover às necessidades económicas de muitas famílias. É exemplo a intervenção do deputado Freitas Rego às cortes de 1822 ao dizer “Muitos (surdos) aparecem, todos ouvindo a trombeta, mas os pais dizem que os filhos é que os sustentam e, por isso não é conveniente que aprendam” (SANTOS, 1913, p. 12). O trato com as pessoas surdas oscilou entre a ação caritativa e assistencial à proteção e pouco privilégio à função educativa. O Século das Luzes trouxe alguma aceitação daqueles que eram diferentes e uma intenção de os arrancar à segregação e ao obscurantismo a que estavam votados. O carácter asilar e as instituições assistenciais e educativas, que acolhiam os surdos, o modelo patológico da surdez e as escolas especiais para surdos, que ofereciam currículos adaptados a essas crianças/jovens com défice cognitivo, em muito contribuíram para uma imagem negativa ou estereotipada.

Por outro lado, a língua gestual era considerada mímica e sempre houve preconceitos em relação ao uso de gestos para a comunicação. Esta ideia levou a que a sociedade a encarar esses indivíduos como seres incapazes de possuir raciocínio (FUSILLIER, 1894). No dizer de Baptista (2008), a história da educação de surdos, tal como a história da Educação Especial, gira à volta de seis paradigmas conceptuais: Exclusão, Segregação, Institucionalização, Normalização, Integração e Inclusão. A adoção de filosofias de integração e inclusão reconhecem que educamos todas as crianças sem discriminações e em qualidade mas, no caso dos surdos, esse caminho da inclusão revelou-se historicamente um caminho de exclusão, principalmente porque o sentido da normalização não toma em atenção a especificidade deste grupo, por desconhecimento dos pressupostos científicos que devem presidir à sua educação. A surdez é caracterizada por perda auditiva ou ausência de audição, impossibilitando a comunicação sonora com o mundo exterior e, ainda compromete o desenvolvimento da criança (CARNEIRO, 2012).

Na verdade, a educação de surdos e surdos-mudos teve vários modelos de ensino diversificados ao longo dos tempos, procurando um método que permitisse o sucesso da criança surda-muda, quer a nível escolar quer a nível da aceitação social. Cabral (2004) e de Carvalho (2007), ao traçar a Cronologia da História dos Surdos no Mundo, de entre outras curiosidades, verificam a elevada preocupação dos educadores, sejam oralistas, sejam gestualistas, em formar asilos, escolas para surdos onde pudessem aplicar os seus métodos de modo

linear, específico e restrito. De facto, o espaço educativo teve uma forte influência e a opção pela criação de Asilos/Institutos tornava-se numa estratégia pedagógica (PRIMEIRO DE JANEIRO, O surdo-mudo pode ser surdo falante, nº 215, de 11 de Setembro de 1909, p. 1).

Numa abordagem à História da Educação Especial portuguesa há várias figuras que contribuíram para o desenvolvimento de metodologias de ensino para os coletivos de surdos-mudos. É o caso de Pedro Maria de Aguiar (1828?-1879), natural de uma freguesia da cidade de Pinhel, que se ordenou sacerdote entregando-se ao ensino da moral e à pedagogia diferenciada das crianças que tinham necessidades educativas especiais e, em particular dos surdos-mudos. Este religioso teve uma relevante ação pedagógica como capelão, professor/formador e bibliotecário na Escola Normal de Marvila (Lisboa) e, ainda, como investigador na área da educação especial. Criou um curso para surdos-mudos (aula especial) no Liceu de Lisboa, a convite do reitor, mas devido à instabilidade política, na época e porque o Governo ter encerrado, em 1869, para reestruturação daquela Escola Normal. Neste mundo envolto de (in)formação e ações, mergulhado nas leituras de inúmeros manuais, devidamente catalogados por si nas prateleiras da Escola Normal, foi-lhe despertando a curiosidade pelo ensino especial, pela pedagogia diferenciada e pela inclusão na sociedade das crianças com problemas cognitivos e visuais. Mais tarde, é convidado por um comerciante benemérito de Guimarães, Gerónimo Vaz Nápoles, a educar os seus filhos surdos (dois meninos e uma menina), aceitando dar-lhes lições, a partir de outubro de 1869, durante quase três anos (classes particulares) nos arredores de Guimarães, ministrando uma instrução adequada àquelas crianças e aperfeiçoando-se pedagogicamente nos métodos de ensino e estratégias de intervenção, de tal forma no dizer de Fusillier (1894, p. 22) “contava com vários meninos surdos dos arredores de Guimarães, para aí receberem a instrução de que tanto careciam”. Com a fama que passou a ter e, em especial, no Norte do País, Padre Aguiar apurou um método especial de ensino para as crianças surdas e instaurou um colégio – Instituto de Surdos-Mudos de Guimarães, em 1870, com um plano curricular composto por ensino intelectual (linguagem escrita, linguagem dos sinais, linguagem oral, educação moral e religiosa, educação musical e outras matérias, como Geografia e História. Neste estabelecimento ampliou os seus saberes pedagógicos, p vocabulário, procedeu à sistematização da linguagem mímica

Com aquele método de ensino, o professor Padre Aguiar reuniu uma ciência pedagógica amadurecida para o ensino especial, elencada em cinco vertentes: a grande experiência adquirida no ensino (regular) e na formação de professores; entusiasta dos métodos ativos e intuitos, que fossem operacionais e respeitadores das etapas do desenvolvimento da criança e, por isso, antecede

alguns pressupostos basilares da Escola Nova; admirador da obra/manual e método do Abade L'Épée e, a partir dessa influência constitui a sua metodologia de ensino; unia a teoria à prática, a metodologia à intervenção observacional e à interação com os alunos; defensor do ambientalismo pedagógico (indícios de influência de Rousseau e Pestalozzi), ou seja do papel do ambiente envolvente ao aluno no processo de aprendizagem. De facto, este professor padre possuía uma vasta ciência pedagógica, amadurecida pela experiência e instrução (lições) com as crianças surdas-mudas, grande saber teórico provindo de leituras de pedagogos europeus e domínio de métodos de ensino (especial).

Analisaremos, de forma hermenêutica e reflexiva, os contributos deste pedagogo, no âmbito da educação especial e pedagogia diferenciada. Utilizámos nesta pesquisa várias fontes primárias, das poucas obras publicadas pelo Padre Aguilar, designadamente: 'Coleção de manuscritos para exercícios de leitura nas escolas' (Porto, s/d); 'Papel monitor de escrita – Exercícios graduais desde os primeiros elementos até ao cursivo' (Porto, s/d), existentes no Arquivo da Biblioteca Municipal do Porto e Biblioteca Nacional de Lisboa. Ainda recorremos a documentação (Livros de Atas) existente no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto – AHSCMP (D-Bloco 8-35 - Livro de Atas, datadas de 1880-1893), Arquivos Históricos (Vol. IX Lisboa: GuillardAillaud C.<sup>a</sup>, 1894), artigos em periódicos/revistas (jornal Comércio do Porto, Gazeta, Revista Bem, O Ensino Livre, etc.), Arquivo Eclesiástico da Diocese de Pinhal e obras secundárias de referência, por exemplo, de D. António da Costa, A. Fussilier, Ary dos Santos, I. S. Marta, Joaquim J. Teixeira, P. Carvalho, A. V. ferreira, Rogério Fernandes, M<sup>a</sup> do céu Alves, Maximina M<sup>a</sup> Ribeiro, etc. Toda este manuseamento documental capacitou-nos no sentido de evidenciar, clarificar, aprofundar, analisar e interpretar categorias mais importantes que estruturam a obra e as ações do Padre Aguilar. Trata-se de um estudo histórico-documental sobre diversas fontes norteadas pela abordagem histórico-educativa e conjugando com os contributos da História da Educação Especial, História Cultural, da História Conceptual e da Micro-História.

Padre Pedro Aguilar foi um pedagogo, de pouca obra escrita, que aprofundou o método de ensino dos sinais metódicos e perfilou métodos intuitivos nesse ensino relevantes na época. O seu pensamento está impregnado de humanismo, valorizando a educação (popular), a instrução e a inclusão das crianças com necessidades especiais tendo dado um grande contributo à História da Educação – História da Educação Especial, na linguagem natural dos surdos, no método de ensino adaptando o método do Abade L'Épée à realidade portuguesa e aperfeiçoando o de Pe. Aron Borg, plasmando todas as suas ações pedagógicas nos métodos intuitivos e ativos, enquanto matrizes estruturais para a eficácia e êxito no ensino especial com surdos-mudos.

## Clarificação de aspetos cronológicos da sua biografia

Não sabemos porque os escritores afirmam que Pedro Maria de Aguiar, filho de Jerónimo Caetano Aguiar, nasceu a 18 de abril de 1828. Esta data é referenciada no I Volume da obra 'Portugal Antigo e Moderno', da Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (página 666), que menciona que terá nascido numa aldeia próxima a Pinhel, em 1828. Esse dado incorreto é demais evidente nesse Dicionário ao indicar o 'Discurso sobre a Paixão na Sexta-Feira Maior de 1847' do Padre Pedro M<sup>a</sup> de Aguiar, recitado na paróquia da Igreja de Nossa Senhora de Pena, S. Nicolau e S. José de Lisboa, ora fazendo fé na data de nascimento referida teria 19 anos de idade (?). Como se produziu esse erro?

Ilídio da Silva Marta em 'Pinhel Falcão' (1996), tendo manuseado várias documentação de Arquivo Eclesiástico e Arquivos Históricos, afirma que Pedro de Aguiar terá nascido mais cedo do que aquele ano de 1828 alegando essa sua opinião nos seguintes pontos:

a)-As primeiras missas do Padre Aguiar são por ele assinadas no ano de 1820, altura em que foi nomeado pároco da Freguesia de Manigoto desse Concelho, onde esteve vários anos e sendo Bispo na Diocese de Pinhel D. Bernardo Bernardino Beltrão Freire (1797-1828), a qual foi extinta em 1881. Aquele Bispo publica e ordena a 23/05/1803 que os párocos organizarem a relação dos povos de cada freguesia, por nascimento, sexo, estado civil, número de expostos, de falecimentos, número de fogos e de mosteiros, que até então não estava feita e, ainda em junho desse ano instrói os párocos acerca do modo como devem passar as certidões de missa. Ora não havendo registos de dados de nascimento em Pinhel e confirmadas as assinaturas do Padre Aguiar nas certidões, em 1820, ele teria mais de vinte anos e, por isso, seria impossível ter nascido em 1828.

b)-Em virtude de 16 de janeiro de 1813 ter sido lavrada a escritura de "Património que lhe faziam seus pais, Jerónimo Caetano Aguiar, clérigo de menores, como consta na escritura. O património era de quatrocentos mil réis em bens, e devia compreender grande parte da fortuna desse casal"(MARTA, 1996, p. 511), possivelmente exigido para ele ingressar na vida eclesiástica. Mais tarde Padre Aguiar vê-se a braços com dívidas à Irmandade do Santíssimo Sacramento de Pinhel, tendo-a liquidado com centenas de missas por ele celebradas para esse fim e das quais aquela Irmandade tinha a obrigação.

c)-Sendo um fervoroso cristão e participe das irmandades cristãs da sua terra fez-se irmão, em 1830, da Irmandade do Santíssimo Sacramento pagando pelo 'assento' 1400 réis, quantia de elevada importância e, ainda foi eleito Juiz dessa irmandade em 1837, já não estando em Manigoto.

A ideia de D. António da Costa (1879, p. 67) não é essa, pois ao passar pelo Porto, em 1878 e visitando o Instituto de Surdos-Mudos e o seu diretor proferiu “Quando me apareceu e estendeu a mão, mal o conheci. Era o atleta moribundo. Podia viver oitenta annos com aquella organização de ferro; ia morrer aos cincoenta e um incompletos!”. Seja como for pensamos, sem qualquer demonstração documental de assento de nascimento e batismo, Pedro Maria de Aguilár poderá ter nascido uns anos antes da data de 1828.

De acordo, com A. Fusillier (1894) ele fez os estudos primários naquela cidade beirã, situada na região da Beira Alta e ingressa na vida eclesiástica, desconhecendo o Seminário onde se formou. Lembramos que nas primeiras décadas do séc. XIX o país teve o período das invasões francesas e mais tarde a da revolução liberal (guerra civil de 1828-1834), sabendo que naquelas paragens viveu-se muito esses acontecimentos. As funções sacerdotais do Padre Aguilár prosseguem em Lisboa, na Paróquia da Freguesia de Santa Isabel, onde desenvolveu atividades de oratória e apoio assistencial, prestado no decurso do surto de cólera, que afetou Lisboa entre 1853-56, referido no jornal O Comércio do Porto, de 7 de agosto, p. 1 de 1855. Este surto de cólera e febre-amarela afligiu mais as famílias pobres porque tinham vícios e comportamentos repreensíveis (ALMEIDA, 2011). Fez parte nessa ajuda assistencial e espiritual da Comissão de Beneficência, criada para prestar serviços assistenciais. Durante este período fez inúmeros sacrifícios sem ser retribuído, tendo vivido muito modestamente, numa constante labuta em prol dos necessitados. Essa sua disponibilidade e serviços não foram devidamente reconhecidos, pois Padre Aguilár esperava ser nomeado para alguns cargos eclesiásticos vagantes na altura, mas foi preterido por outros sacerdotes (MARTA, 1996).

Decorria o ano de 1834 quando O Real Instituto dos Surdos-Mudos e Cegos se anexou à Casa Pia de Lisboa. Este tipo de ensino, introduzido uma década antes nesta instituição, despertando interesse do Padre Aguilár na década de 60 e logo diligenciou um intercâmbio de saberes sobre o método de ensino dos sinais metódicos com a Madre Petronilha, que era professora irlandesa de meninas surdas no Convento das Dominicanas do Bom Sucesso, em Belém – Lisboa. Animado pelos progressos obtidos por aquela religiosa, decide aplicar na prática os resultados demonstrados pela teoria e daí anunciar em anúncio de periódico de receber em casa para a frequência de um curso gratuito surdos-mudos pobre. A partir de 1864, Padre Aguilár começou a desempenhar funções como capelão e professor (Canto, Religião e História Sagrada), na Escola Normal de Marvila, depois de ter cessado a comissão de que estava encarregado na Casa Pia de Évora. Aquela Escola Normal foi a primeira instituição exclusivamente dedicada à formação de professores e que na época era dirigida por Luís Filipe Leite, mentor desse projeto de formação de

modo a promover e desenvolver o ensino primário. Exerce nela os cargos de prefeito e bibliotecário, participando ativamente na organização dos estudos e de atividades escolares, destacando-se o seu papel na elaboração do regulamento disciplinar (aprovado em 1864) para aquela instituição que funcionava em regime de internato (PINHEIRO, 1990). É de mencionar nessa imposição de disciplina de internato o Aviso datado de 12/11/1864 (Livro de Ordens de Direção da Escola Normal, 1864-1869), assinado pelo Prefeito Padre Pedro M<sup>a</sup> de Aguilar, que dizia o seguinte: “Os alunos que com indecentes vozearias e gritos selvagens costumam frequentes vezes alterar o silencia e boa ordem que deve reinar nesta casa (...) fiquem sabendo que de hoje para o futuro se tomarão notas de tal procedimento, para serem presentes ao Conselho Escolar”. Nessa altura muitos periódicos abordavam esta questão nas instituições educativas e até assistenciais, como na revista *O Ensino Livre*, de 1871 que publica aquele Aviso, no âmbito dos problemas do professor relativamente aos castigos e disciplina escolar, incluindo no ensino de surdos-mudos como na *Gazeta Pedagógica*, em 1869 (COSTA, 1874).

De acordo, com Fusillier (1894, p. 22):

Em 1868 havia na escola normal de Lisboa, um homem de grande talento como pedagogo e orador sagrado o Rev.do Padre Pedro Maria de Aguilar (...) Na escola normal a pedagogia foi o seu estudo predileto; e um assunto original, o do ensino dos surdos-mudos, despertando-lhe em primeiro lugar a curiosidade e depois o mais vivo interesse, entregou-se a ele sem descanso, preparou-se rapidamente para pôr em prática os brilhantes resultados que demonstrava a teoria. Ensejos tão louváveis foram talvez animados pelos progressos obtidos no Bom Sucesso por madre Petronila, que o Padre Aguilar devia pelo conhecer pessoalmente, dadas as afinidades religiosas entre ambos. Anunciou então para os surdos-mudos pobres um curso gratuito em sua casa.

Com essa divulgação pelos periódicos da época aos pais com filhos surdos-mudos o Reitor do Liceu de Lisboa disponibilizou uma sala às ordens do Padre Aguillar para esse ensino, contudo a supressão da Escola Normal, não lhe deixou realizar esta ideia, para o qual se preparou metodologicamente. De facto, os seus problemas de saúde e a extinção da Escola de Marvila leva-o a deixar Lisboa e foi a viver para Guimarães, onde fundou o Instituto de Surdos-Mudos, em 1870. Ora aqui aparece também algum erro de referência de algumas fontes, por exemplo, do Dr. João José P. Edward Clode (2010) de que o Padre Aguilar tinha saído definitivamente de Lisboa, em 1872. A contrariar esta afirmação está a citação na revista ‘*O Ensino Livre*’ (1872, p. 3) que refere

O bacharel Francisco Pedro Felgueiras, administrador do conselho de Guimarães.....



Atesto em como o requerente Pedro maria de Aguilar é fundador, diretor e proprietário do Colégio de Surdos-Mudos estabelecido nesta cidade desde Janeiro de 1870, tendo nesse tempo vindo de Lisboa para aqui....

Ao ser diretor do instituto particular foi-lhe concedido um subsídio anual de 3000 mil réis. Nele Padre Aguilar divulga os seus métodos de ensino, muito apreciados e elogiados por muitos estudiosos da educação, em especial D. António da Costa (1909) e, ainda na Câmara dos Dignos Pares do Reino do Porto, no seu Diário de 1875 ao referirem ao ensino dos surdos-mudos o Porto deve muito à cidade de Guimarães, dispensando auxílio ao Padre Aguilar, em que com um método seu desenvolvia o ensino no seu colégio. Apesar destes elogios e reconhecimentos, Pedro Aguilar fez diligências perante a Câmara de Guimarães para que o Governo concedesse subsídios a este estabelecimento de ensino, sendo visitado pelo Comissário de Estudos, em Braga, que elaborou um Relatório, que atesta favoravelmente os resultados obtidos, além de serem já públicos e notórios. De facto, o colégio/instituto foi alvo de outorgamento pelos Municípios de Guimarães, de Braga e do porto, por inspetores de instrução primária, de pedagogos, de intelectuais e deputados da nação, para observar os métodos de ensino, mas não foi suficiente para que o Governo preceituasse a instituição, limitando-se, no entanto, a ter uma ação de vistoria, nada de apoio financeiro. Assim, foram goradas as tentativas de normalizar o ensino dos surdos-mudos. As dificuldades inerentes ao funcionamento do Instituto, não impedia do Padre Aguilar recebesse alunos quase gratuitos, dando-lhes um ensino e conhecimentos adequados à sua autonomia. Da Câmara do Porto recebeu ainda um pequeno subsídio, destinado ao vestuário e sustento dos alunos protegidos, sendo os demais encargos á sua conta.

### **Instituto de surdos-mudos em Guimarães: das peripécias de percurso à metodologia prática de ensino**

O Instituto de Surdos-Mudos dirigido pelo Padre Aguilar tinha a ajuda dos seus sobrinhos, Joana Inocência Barbosa do Lago e de Eliseu Pereira d'Aguilar. Havia um regulamento provisório que servia para reger o funcionamento e a organização da vida da instituição, estabelecendo os fins de recolher, alimentar e educar os surdos-mudos, de ambos sexos, desde a idade dos 6/7 anos, podendo frequentar o colégio em regime de internato, semi-internato e externato. De acordo com Ary dos Santos (1913) podia também ser frequentado por alunos com a plena faculdade de todos os sentidos, no entanto, estes estariam organizados numa outra classe de ensino. Muitos alunos foram recebidos, mais

pela necessidade de responder aos apelos das famílias que, confrontada com a presença de filhos perante os quais não tinham soluções e, por isso recorriam ao último reduto de esperança de reabilitação. Também a situação de abandono de muitos surdos criava problemas à sociedade, tal como a miséria, mendicidade e a própria marginalização o que implicava aceitar algumas admissões mais que a obrigação de ensino, mas sim de proteção (agasalho, assistência) e alimentação (refeições). Os alunos eram distribuídos por duas classes com respetivas salas: a primeira dos 6 aos 8 anos, dirigida por Joana Inocência Barbosa do Lago; a segunda dos 9 aos 14 anos era dirigida pelos professores Pe. Pedro Aguilar e Eliseu d' Aguilar. Quanto aos métodos era o Padre Aguilar quem os determinava, sendo divididos em Fundamentos Educativos (fomentava-se os valores e os princípios de igualdade) e em Conteúdos de Ensino, que tinha como princípio ler, escrever, compor, contar, discutir, assimilar ideias de Deus, importância da família, direitos/deveres na sociedade, etc. As crianças e jovens progrediam na linguagem e sinais e gestos e, desde muito cedo, eram incitados para aprendizagem escrita.

Recordamos a descrição, em português da época, de D. António Costa 'No Minho' (1874, p. 34, 39 e 42), durante a sua visita ao Instituto do Padre Aguilar em Guimarães, elogiou o seu funcionamento e metodologia de ensino:

O assombro porém que esperava por nós em Guimarães era a escola dos surdos-mudos. (...) Um exame de rapazinhos de sete a quinze annos, (...) rodeando o Padre Aguilar, esperava-nos à porta. (...) Encontrámos os alumnos divididos em duas classes (...). Estavam todos a seus postos, anciosos, penetrantes, vivos, com aquelles olhos perscrutantes dos mudos (...). D. António refere-se a alguns dos alunos e às suas características particulares, não se esquecendo de mencionar que dois deles eram já oficiais de tipógrafo. Quando a aula começou, D. António assistiu, com espanto, à conversa, por mímica, entre a professora (sobrinha do Padre Aguilar) e os alunos e mesmo entre uns e outros o Salienta o facto curioso de que «(...) nunca lhes foram impostos signaes do alphabeto pelos dedos, systema ainda hoje na Europa geralmente usado. Não é o professor que decreta a linguagem mimica, mas os proprios mudos é que estabeleceram os signaes da conversação, conforme a propria rasão lh'os indicava. Instituíram a sua linguagem natural, espontanea, e os mestres foram-na recebendo, desprezando as theorias dos signaemethodicos, pouco racionaes.

A Câmara Municipal de Guimarães intentou, em vão, pedir subsídios para a manutenção daquele colégio e reconhecimento do trabalho pedagógico do padre Aguilar e do seu método, como nos diz D. António da Costa (1879, p. 67):

(...) osr. Vasco Leão deputado do círculo apresentava um projecto de lei, para o mesmo fim; o sr Pires de Lima orava eloquentemente a favor d'este importantíssimo assumpto; o commisario dos estudos respondendo ás ordens superiores, declarava 'achar-se como que assombrado pelos exercicios que presenceára no instituto dos surdos-mudos, parecendo-lhe milagres os resultados que vira ali praticar' e, coroando de elogios a abnegação, a perspicácia, e a bondade de Aguilar, para chegar áqueles resultados (...)

Naquela época o Porto mostrava grande necessidade de uma instituição de ensino de surdos, resultante da visita à cidade dos Imperadores do Brasil, em que um anónimo desconhecido, "(...) deu 200\$000 réis como iniciativa à fundação d'um collegio de surdos-mudos e impôz assim aos seus concidadãos a tarefa de seguir-o n'um caminho tão caritativo" (FUSILLIER, 1894, p. 356). Constituiu-se uma comissão angariadora de fundos, mas a subscrição pública foi escassa e, por isso, decidiu-se ajudar duas crianças pobres, mandando-as educar em Guimarães para Instituto do Padre Aguilar. Essa confirmação é testada documentalmente por Maximina M<sup>a</sup> Cunha Ribeiro (2003, p. 204) pelo ofício dirigido à Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, assinado por Albano de Miranda Lemos, Estevão Torres e Joaquim Ferreira Moutinho, afirmando que "(...) em 1872, com o elevado fim de commemorar a honrosa visita dos ínclitos Imperadores do Brazil, à cidade do Porto, foi n'ella instituída uma escola para surdos-mudos, a expensas da caridade pública, como consta do relatório junto", datado de 1875. Na impossibilidade de levarem por diante o projeto de uma instituição para o ensino dos surdos-mudos, aquela comissão ofereceu à Santa Casa da Misericórdia do Porto os fundos disponíveis para que fossem incorporados aos do testamento do grande benemérito Araújo Porto, que posteriormente viria a criar o Instituto para os surdos-mudos (RIBEIRO, 2009).

Apesar da grande importância que representava no ensino de surdos, a falta de recursos levou a uma decadência financeira e, assim, em 1877, o Padre Aguilar dirigiu um requerimento à Câmara do Porto, pedindo um subsídio para a criação de uma escola nesta cidade. Essa pretensão foi atendida sendo-lhe concedido um subsídio anual de 450\$000 réis (RIBEIRO, 2003). Esta quantia, juntamente com os juros dos donativos daquela comissão iniciadora e as mensalidades dos alunos pensionistas, permitiu ao Padre Aguilar abrir no Porto o seu colégio – Instituto de Surdos-Mudos, na Rua de Santa Catarina, em fevereiro de 1878. Mas, as dificuldades financeiras mantiveram-se, apesar de, três meses depois, em 20 de maio de 1878, o Padre Aguilar apresentar alguns alunos a provas públicas, no Palácio Cirne (atual Junta de Freguesia do Bonfim), o que causou bastantes elogios e surpresa nos seus contemporâneos (FUSILLIER, 1894, p. 357)

O silêncio dos poderes públicos e do Governo pairou sobre o colégio sem dar os apoios necessários à sua manutenção, desconhecendo que aquele estabelecimento acolhia e salvava muitas crianças/jovens infelizes e, que o Padre Aguilar aplicava um método de ensino com muitos êxitos e descobrira que poderia haver surdos-mudos superiores aos próprios surdos-mudos. De facto, no dizer de D. António da Costa (1879, p. 67) reconhecia que:

A única instituição desta especialidade em Portugal, existente graças á heroica devoção e aos sacrifícios quasi sobre-humanos de Aguilar (...) mão tremula abriu a porta, e viram-se sair, chorando, umas pobres creanças que queriam ouvir e não ouviam, que queriam falar e não falavam, já não analfabetas, inda não acabadas de ensinar; deram-se no portal o abraço comum da desgraça, e d'ali debandaram cada uma para seu pobre lar, depois de acenarem o último adeus de amor e gratidão ao vulto que do solitário limiar as contemplava (...) os filhos do seu trabalho educador, por de todo lhe faltarem os recursos para ali os conservar a eles e se conservar a si.

Assim, se encerrou o colégio popular dos surdos-mudos de Guimarães, após os esforços do seu diretor em pedir esmolas e apoios, não para si mas para auxiliar os deserdados de dois sentidos, até que a Câmara Municipal do Porto lhe concedeu um subsídio para a renda da casa onde o Padre Aguilar estabeleceu o seu colégio para ensinar os surdos-mudos daquela cidade, comprometendo-se ensinar gratuitamente alunos externos e todos os surdos-mudos do concelho do Porto. Havia, também o compromisso trianual de remeter à Biblioteca Nacional dois exemplares dos métodos que Padre Aguilar utilizava com as crianças e as suas orientações, de modo a ficarem arquivadas.

Na verdade, a sua pretensão foi atendida pela Câmara do Porto com a conceção de um subsídio anual de 450\$000 réis, a qual se juntava os donativos da Comissão iniciadora do instituto e as mensalidades dos alunos pensionistas. Assim, Padre Aguilar transferiu em fevereiro de 1878, o colégio de Guimarães para o Porto, ficando instalada na Rua Santa Catarina. Apesar das diligências do Governador Civil do Porto em divulgar o Instituto, este não mereceu adesão as famílias pobres, uma vez que estas pretendiam prover o sustento autónomo das crianças através da aprendizagem de um ofício mais do que a sua instrução literária. Essa mentalidade das famílias impediram de aderir ao colégio por este não ter oficinas de aprendizagem e não reconheciam qualquer vantagem das crianças aprenderem a ler, escrever e contar sem uma profissão que garantisse um sustento. Mesmo com esses problemas de adesão, associados às dificuldades económicas, a 20 de maio de 1878 Padre Aguilar apresenta a exame público no Palácio Cirne alguns dos seus alunos, ficando as autoridades, responsáveis de institutos, os professores de magistério, os educadores e a imprensa local, que assistiram os dois dias de sessão prática dos alunos,

admirados pelo sucesso obtido e enobrecendo a fama do professor e dos exercícios realizados, alguns deles já conhecidos em Guimarães.

Ao falecer o Padre Aguilar, no princípio de 1879, no Porto, a direção da escola ficou a cargo do seu sobrinho, Eliseu de Aguilar, passando a funcionar em março de 1880 na Rua de Cedofeita, n.º 458, onde permaneceu até 1886, altura em que Eliseu de Aguilar participou à Câmara que deixava o Porto, para ir para Lisboa, dirigir uma escola subsidiada pelo município da capital, vindo a abrir o Instituto Municipal de Surdos-Mudos de Lisboa, em 1887. Ora bem, após a saída de Eliseu de Aguilar para Lisboa, o Porto ficou sem uma escola de ensino de surdos, mantendo-se a intenção de a criar, pois, existia o subsídio da Câmara e persistia a comissão iniciadora de abertura de uma instituição de ensino para surdos. Mesmo havendo um litígio judicial a decorrer, em 1890, pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, devido ao testamento do benemérito Araújo Porto, averiguava-se qual a relação entre a Associação Protetora do Instituto de Surdos-Mudos Portuense, o instituto/colégio com Eliseu d' Aguilar, ou seja, reconhece-se que a dita Associação era conhecida pelo nome de Colégio Eliseu d' Aguilar, onde este padre era professor (RIBEIRO, 2003). Ora, no mesmo ano em que faleceu Araújo Porto, tinha ocorrido também, em 27 de Fevereiro de 1887, o falecimento de um outro benemérito, António Godinho da Silva, cujo testamento contemplava, entre outros estabelecimentos, o Colégio de Eliseu d' Aguilar para Surdos-Mudos, em Cedofeita do Porto.

Por outro lado, o Instituto Municipal de Surdos-Mudos, dirigido pelo sobrinho do Padre Aguilar, Eliseu d' Aguilar desde 1887, funcionava em regime de internato e semi-internato, sendo admitidos alunos de ambos os sexos que eram ensinados por um único professor, o próprio diretor. Três anos depois, devido a algumas irregularidades por parte de Eliseu Aguilar, a direção do Instituto foi entregue ao gestor e diretor dos Asilos Municipais João José Teixeira. Posteriormente, dadas as remodelações por parte da Câmara Municipal de Lisboa sobre o ensino de surdos-mudos, fez-se a separação dos sexos transferindo-se os alunos surdos-mudos para dois asilos municipais, um no Largo da Graça e outro na Rua Santíssima Trindade (CARVALHO, 2007, p. VI)

## **O ensino no instituto na sua dimensão pedagógica**

O ensino no Instituto Surdos-Mudos, quer de Guimarães, quer no Porto, consistia em habilitar os alunos a falar (comunicação), aprender a instrução básica e a habilitar o aluno à higiene/limpeza, ao trabalho e às práticas da moral e religião cristã (rezas de manhã e à noite). Consentaneamente, o Padre Aguilar materializou um currículo escolar adaptado aos alunos, pela mímica e sinais, pelo

exercício intensivo da escrita e pela linguagem oral, onde as desvantagens auditivas, nos vários graus de surdez, eram reabilitadas. Em sintonia com os princípios da aprendizagem natural (ambientalismo pedagógico), era frequente ver o mestre Aguilar ministrar o ensino pelas quintas dos arredores de Guimarães, onde os seus alunos para além do tempo de recreio dispunham de um ambiente propício a uma aprendizagem funcional. O contexto da aprendizagem natural permitia aos alunos ampliar o vocabulário, ao fazer a observação dos objetos e dos factos/fenómenos da natureza e, em simultâneo “procediam à sistematização da linguagem mímica” (FUSILLIER, 1894, p. 24).

Já dissemos que os alunos estavam organizados em duas classes, com métodos determinados pelo padre Aguilar, em que as bases da educação consistia em Fundamentos Educativos e Conteúdos de Ensino (classes: inicial, mais adiantada) em que o Plano de Estudos ou curricular era constituído por diferentes matérias da instrução elementar oficial, na base da linguagem mimica. Apoiado no método intuitivo e numa pedagogia ativa e de ensino simultâneo (a professora trabalhava com a classe comunicando pela mímica), os alunos progrediam na linguagem de sinais e de gestos (introduzia-se língua gestual espontânea, desprezando as teorias metódicas e inovação racional), assim como na aprendizagem da escrita precoce, ensino da gramática pela ação, exercícios acompanhados pela explicação prévia, recursos com aparelhos mecânicos, formas e ferramentas de ensino, etc. (ALVES, 2012). Assim o plano de estudo incluía a linguagem e a gramática, as disciplinas de geografia, aritmética/geografia e história. Não se adotava o alfabeto manual, pois praticava-se o ensino de linguagem oral para os alunos que trabalhavam o aparelho fonador e os níveis de percepção auditiva. O processo ensino-aprendizagem da língua materna estava dividida em dois períodos: tempo de iniciação (‘fase de domesticação’) e o curso de linguagem.

Um dos aspetos pedagógicos inovadores residia no fomento de um ambiente favorável ao trabalho da escrita, em sala de aula, dispondo o aluno de uma ardósia que trazia sempre consigo para receber lições dentro e fora da instituição. Em termos da cultura material escolar no Instituto, destacamos: o mobiliário (mesa do professor e armário) idêntico ao das escolas; o tampo das carteiras adaptado aos alunos, tendo embutidas uma lâmina fina de ardósia, para receber os traços, as letras, as palavras e as frases dos alunos; um quadro negro; uso de cadernos, penas, tintas, tinteiros, pedra de sabão ou giz, pequenos trapos ou apagadores, papel borrão ou pequenas tigelas com areia, etc. (FUSILLIER, 1894). No método de ensino e na estruturação das lições Padre Aguilar seguia de perto o manual do Abade de l' Épée, especialmente ao apresentar os objetos aos alunos e fazendo-os proceder de imediato ao registo escrito. O mestre professor recorria à atividade lúdica ao promover jogos de

identificação de palavras que previamente foram registadas em cartões, os quais seriam depois profusamente misturados, devendo os alunos retirar um deles ao acaso, para logo de seguida procederem à identificação da palavra inscrita (ALVES, 2012). De forma inversa, o professor mostrava o objeto e o aluno tinha que identificar a palavra que lhe correspondia no cartão. Todos estes procedimentos eram extensivos à classe, seguindo sempre a mesma disposição em relação à participação ativa dos alunos. Igualmente praticava-se “a modalidade pedagógica de se corrigirem entre pares” (FUSILLIER, 1894, p. 25).

Após os alunos terem assimilado um número suficiente de palavras, de pronomes, artigos, substantivos, adjetivos, verbos e outros elementos gramaticais, estavam em condições de construir frases, tendo então lugar a aplicação dos preceitos preliminares da gramática. De facto, a principal aplicação da gramática era a construção de frase. Neste sentido o Padre Aguilar tinha aperfeiçoado/simplificado os procedimentos do L'Épée em relação ao ensino dos “rudimentos de conjugação” (FUSILLIER, 1894, p. 22). No plano das ideias conjugadas com os sinais estruturados poeriam tomar a centralidade ‘a pessoa ou o facto ou o objeto’ para o qual se desejava chamar a atenção, fosse no tempo dos verbos, adjetivos ou substantivos na frase. Numa fase inicial de aprendizagem dos verbos, os alunos recorriam ao modo infinitivo, pelo que o padre Aguilar denominava de ‘frase do surdo-mudo’, que era uma forma reconceptualizadora de construir frases. Outra estratégia de intervenção era o encadeamento de sucessivas frases em que jogavam a velocidade dos movimentos apontando diversas frases como também encetar um diálogo o mais fluente possível, aumentando o entusiasmo dos alunos, mas em caso de engano criava nervosismo (COSTA, 1909). Para verificar as aprendizagens obtidas pelos alunos o professor Padre Aguilar socorria-se de exames.

Anicet Fusillier (1894) apresenta alguns aspetos menos válidos no ensino da gramática praticada pelo padre Aguilar, por exemplo o processo de ensinar por meio de palavras, dispostas ao acaso sem ter as mais pequenas relações entre si, podia agravar as crianças pelo movimento exigido nos exercícios. Mesmo mostrando bons resultados na linguagem escrita e dela fazerem um bom uso, nenhum dos alunos tinha conseguido escrever com perfeição a língua portuguesa, mesmo reconhecendo que o Sr. José de Castro fosse um estudioso e o melhor aluno surdo do instituto, tinha algumas deficiências. Outro inconveniente na educação era o facto do padre Aguilar introduzir precocemente os conteúdos de ensino mais abstratos, por exemplo, a ideia de Deus, mistérios da religião, etc. (FUSILLIER, 1894). E, finalmente a não existência no instituto de oficinas de aprendizagem de um ofício que permitisse ao aluno, na transição para a vida ativa, valer-se autonomamente na sociedade e, esse foi um dos aspetos que levou as famílias a não aderirem à instrução ministrada. Contudo Padre

pedro Aguilar foi um pedagogo inovador dando um grande contributo à História da Educação especial, com a sua metodologia de ensino aos surdos-mudos. Muitos dos seus materiais utilizados foram reconhecidos posteriormente nas escolas do País.

## **Enquadramento do instituto nas instituições especiais na época**

O educador de surdos Jacob Rodrigues Pereira, espanhol de ascendência portuguesa, que viveu em França durante o século XVIII, é uma referência na história da educação de surdos, dado ser com ele que nasce a primeira tentativa de bilinguismo. O seu método baseava-se na ideia de que cada configuração da mão correspondia, ao mesmo tempo, à posição e ao movimento dos órgãos da fala, bem como às letras que a escrita necessitava para representar o som (CARVALHO, 2007). Jacob Pereira modificou o alfabeto de Bonet, fazendo corresponder a cada configuração da mão um som, números e pontuação, ou seja ele utilizava os gestos, mas defendeu sempre a oralização para os surdos. Em 1778 é criada a primeira escola para surdos-mudos Alemã, tendo por fundador Heinicke, um dos maiores defensores do oralismo. A realização de congressos, as bordagens oralistas (italiana, francesa), ganharam adeptos, sobretudo em França, onde muitas escolas particulares adotaram o método oral, ou ainda um método misto, baseado no ensino da língua oral e da escrita. Em 1789, o abade Sicard sucedeu ao Abade de L'Épée após concurso para o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, surgindo vários institutos em toda a França (CARVALHO, 2011). Entre meados do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX a História da Educação dos Surdos atravessou um período de maior antagonismo entre os métodos orais e/ou gestuais. Por um lado, havia a necessidade de se tornar os surdos mais próximos dos ouvintes mas por outro acentuava-se cada vez mais o reconhecimento e a valorização da Língua Gestual com a participação ativa e direta de educadores surdos e ouvintes.

P. Carvalho (2007) explana a História da Educação Especial com uma dimensão monárquica e governamental quando nos conta que, a mando da filha de D. João VI, D. Isabel Maria, o nosso país recebeu o educador Pe.ArönBorg para desenvolver e seguir a linha educativa Sueca. Desse modo, instituiu a instrução de crianças surdas no Palácio Conde de Mesquitela, em Lisboa, com a fundação do Instituto de surdos-mudos, em 1823, primeira escola para deficientes. Para o efeito foram mandados vir da Suécia professores, que aqui desenvolveram o ensino de desenho e artes mecânicas. Ainda que continuasse sob a doação do rei, o instituto passou a ser tutela da Casa Pia de Lisboa, em 1834, que, gerido por surdos-mudos, deram continuidade à educação focalizada,



única e exclusivamente, a crianças surdas. Com o corte da doação do rei, por volta de 1844 (CARVALHO, 2011), a gestão financeira do instituto começou a entrar em decadência e encerrou em 1860 e só dez anos mais tarde é que voltou a haver a possibilidade na capital de uma escola para o ensino de surdos, aula gratuita, no Liceu de Lisboa, sob a orientação do Padre Pedro Aguilar que nunca funcionou. Cabe à Câmara Municipal de Lisboa remodelar o ensino dos surdos, fazendo a separação dos sexos e, em 1905, são extintos os asilos municipais, passando o Instituto de Surdos para a tutela da Casa Pia de Lisboa.

Ary dos Santos (1913) refere a Escola Particular na Praia de Pedrouços (Lisboa), criada em 1869, pela antiga aluna da Casa Pia Schiapa Pietra, utilizando os métodos de ensino dos surdos-mudos. Em 1893 por iniciativa da Misericórdia do Porto será criado o Instituto para Educação de Surdos - Mudos Araújo Porto, no Largo da Paz, junto à Rua da Cedofeita e, mais tarde, em outubro de 1899, esta Misericórdia funda o Asilo de Cegos de S. Manuel.

Na cidade do Porto, em 1893, a educação de surdos fica ao cuidado do Instituto Araújo Porto, dirigido por Miranda de Barros, que convida para professor Joaquim José Trindade. Para aprender metodologias de ensino de surdos, são enviados a Paris Luís António Rodrigues e Nicolau Pavão de Sousa, que regressam imbuídos do espírito oralista. Em resultado da aprendizagem realizada, estes acabam por substituir o método gestual pelo oralista (FERREIRA, 2006; CARVALHO 2007).

Existe uma tentativa de desenvolvimento do ensino particular de surdos com o Padre Cândido José Aires e Sebastião Leite Vasconcelos, no Porto, e com a Madre Teresa Petronila, em Lisboa. Trata-se de um novo período na história da educação dos surdos em Portugal, marcadamente oralista. Em 1905, com a extinção dos Asilos Municipais, o Instituto de Surdos-Mudos de Lisboa dirigido por Eliseu Aguilar, passa a ser incorporado na Casa Pia de Lisboa, funcionando como uma Secção. Preocupado com a formação de professores para o ensino de alunos surdos-mudos, o diretor Jaime Costa Pinto, convidou dois professores a especializarem-se no Instituto Nacional de Surdos Mudos, de Paris, pois acreditava que, regressados a Portugal, poderiam servir de suporte para a promoção cursos de especialização para o ensino primário de surdos-mudos (CARVALHO, 2007, p. IX). António Aurélio da Costa Ferreira, então diretor da Casa Pia, cria o Curso de Formação Especializada para Professores de Ensino de Deficientes Auditivos, em 1913, sob a direção de Nicolau Pavão de Sousa e, é a partir desta data que se institui o método oral puro em Portugal, como método oficial e de excelência na educação de surdos (FERREIRA, 2006). Por solicitação da Casa Pia de Lisboa, o Instituto de Surdos-mudos é reorganizado e passa a denominar-se oficialmente, em 1922, Instituto de Surdos-Mudos Jacob Rodrigues Pereira, devido ao aumento do corpo de docentes e ao elevado número de

alunos, incorporando o colégio Pina Manique, o Colégio D. Maria Pia (masculino) e a Secção da Casa Pia de Lisboa, em Algés (feminino) que, com as reformas ocorridas na Casa Pia, encerrou e as alunas surdas-mudas foram entregues à Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição do Instituto de Surdos-Mudos Araújo Porto (CARVALHO, 2007, p. X).

O crescente interesse pela educação de surdos levou a meados do séc. XX à criação de outras instituições, como o Colégio de S. Francisco de Sales (1957), o Instituto de Surdos de Bencanta (1964), o Instituto de Surdos do Funchal (1965), o Instituto de Surdos de Ponta Delgada (1968), o Instituto de Surdos de Campanhã (Porto - 1968), a Casa do Infante em Viseu (1968), o Instituto de Surdos de Beja (1969) e o Instituto António Cândido (1970). Em todos eles, o modelo oralista é o que prevalece (Carvalho, 2007). Ao longo dos anos 60/70 assiste-se às primeiras tentativas de integração das crianças com deficiência, onde os surdos se encontravam incluídos. Em 1965, a Direção Geral de Assistência absorve as escolas de Educação Especial, criando dois centros que certificam o seu funcionamento: o Centro de Observação e Acompanhamento Médico-pedagógico e o centro de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal (CARVALHO, 2007). Com a Revolução de 25 de Abril de 1974, despontam em Portugal movimentos sociais a favor dos excluídos, o que contribui para o surgimento de nova legislação relativamente à educação especial (CARVALHO, 2011).

Com a Constituição da República Portuguesa de 1976 é estabelecida a universalidade, obrigatoriedade e a gratuidade do ensino. É referido que “todos os cidadãos têm direito ao ensino e ao acesso aos seus graus mais elevados; cada cidadão terá direito à educação e à cultura com direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar” (artigo 74). Criam-se as equipas de Ensino Integrado no sentido de apoiar a integração familiar, escolar e social, das crianças com deficiência. No caso dos surdos, as primeiras experiências de integração colocaram 1 ou 2 alunos surdos, no máximo, em cada turma de ouvintes. A partir de 1974, surgem alterações que se tornam mais visíveis através dos benefícios pedagógicos resultantes do Programa de Cooperação Luso-Sueco, que adota metodologias enquadradas na filosofia da Comunicação total, do Gestualismo e do Bilinguismo (CARVALHO, 2011). Por outro lado, o Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em 1986, inaugurou as suas novas instalações e está a funcionar até à data presente com cerca de 30 a 40 alunos Surdos. Desde o ano de 1997, aquando a aprovação da Língua Gestual Portuguesa na Constituição da República Portuguesa que adota métodos bilingues, sendo um instituto de referência. Apesar de não ser gerido por Surdos, os núcleos de investigação, a gestão curricular e as práticas pedagógicas são sempre analisadas por equipas

compostas por Educadores e/ou Docentes Surdos, devidamente reconhecidos pela comunidade surda.

Só com o Decreto-Lei nº 3/ 2008, de 7 de janeiro, foram criadas as Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos, possibilitando, a esta população escolar, o domínio da Língua Gestual Portuguesa, como primeira língua e do Português escrito e/ou falado (se apresentarem capacidades para aceder à oralidade), como segunda língua. Pois, bem até chegarmos a este cenário de inclusão no sistema educativo, as crianças surdas-mudas tiveram uma atenção especial a partir do séc. XIX em aulas, institutos (Casa Pia e municipais), asilos e estabelecimentos privados, com a dedicação de pedagogos que contribuíram com os seus pressupostos e métodos para a história da educação especial e da pedagogia diferenciada, o Padre Pedro M<sup>a</sup> Aguilar.

### **Considerações finais**

A exímia ação pedagógica de Pedro M<sup>a</sup> de Aguilar deu um novo alento e uma maior adequação à realidade dos surdos-mudos em Portugal. Dos métodos de ensino por ele adotados e pelo seu sobrinho Eliseu d'Aguilar, métodos dos sinais, gestos e mímicas, houve grande originalidade nas suas práticas pedagógicas, em relação o que se fazia na época. No que diz respeito ao ensino da escrita ele seguiu os preceitos dos manuais de caligrafia para o ensino (regular), tendo publicado dois manuais: um que era um caderno-guia – Papel Monitor da Escrita; e o outro uma Coleção de Manuscritos para exercícios de leitura nas escolas. Introduziu um ambiente natural na metodologia de ensino dos alunos surdos, com pequenos contos morais, alguns dos quais incidiam sobre a vida familiar, passagens do Evangelho, máximas morais, adágios e provérbios, temas de higiene e temáticas variadas.

Mesmo submetido às críticas feitas aos sinais metódicos, que diziam que estes eram complicados e de extrema confusão, pois não permitia o adiantamento rápido na linguagem, elas não tinham muito fundamento, pois quer o padre Pedro Aguilar e o seu sobrinho Eliseu d'Aguilar, nos Institutos de Guimarães e Porto, apresentaram em público com demonstração dos adiantamentos de alguns alunos: José Carlos da Costa, o mais inteligente e instruído aluno em escrita que ensinou outros surdos; Rómulo funcionário de correios; outro empregado num ateliê de fotografia; outro na academia das belas artes. Todos eles pronunciavam sons, sílabas e palavras inteiras, lendo em voz alta, expressando muita habilidade na leitura, na escrita, na análise gramatical,

em geografia, aritmética/geometria, no traçado das figuras, etc. Ora estes casos são eloquentes do êxito do método e da ação do Padre Aguilar.

No Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino, de 1875 reconhece-se a arte e instrução aos surdos-mudos sob a inteligente direção do padre Aguilar. Também, D. António da Costa (1879, p. 67) elogiou em vida aquele pedagogo reconhecendo-lhe perseverança, virtualidades, bondadoso e de grande amor aos surdos-mudos, de amplo horizonte pedagógico no método de ensino, que lutou pelo seu instituto em Guimarães e no Porto em nome da educação dos surdos-mudos, incompreendido pelas autoridades e responsáveis na valorização da educação especial: “Desappareceu o corpo de Aguilar; o que não morreu, nem morrerá nunca, é a memória de um d’entre os maiores espíritos que teem honrado Portugal” pelo ensino especial e, em particular pelo ensino dos surdos-mudos. Não obstante algumas críticas, o professor Padre adotou métodos de ensino que foram preconizados pelo Abade de l’Épée, desenvolveu um ensino experimental e estruturou-o, tendo-o aperfeiçoado e simplificado os preceitos expressos no manual do Curso e, igualmente adaptando-os à gramática portuguesa (ALVES, 2012). Criou condições para um bom ambiente de trabalho e explorou nos alunos ambientes favoráveis à linguagem escrita, inculcando-lhes um intenso labor no que concerne ao registo escrito, enquanto um coadjutor na sistematização de sinais, gestos e mímica.

Mais que um mestre pedagogo ele foi o facilitador de um ambiente de aceitação incondicional e positiva das crianças/jovens surdos-mudos, um humanista que soube respeitar a natureza da pessoa deficiente e lutando pela sua inclusão. Os alunos que frequentaram o instituto alcançaram um grau de satisfação na comunicação, que lhes permitiu a integração na sociedade portuguesa da sua época.

Neste texto, foi-nos possível publicizar uma história rememorada, que remonta aspectos da formação de professores, a partir da história de uma professora que recupera fragmentos de sua escolarização e atuação docente num momento importante da expansão do sistema educacional. Tal sistema buscava atender as necessidades do processo de industrialização e urbanização. Esse processo, ainda que excludente como toda organização capitalista, agrega, pela escolarização, sujeitos que outrora não teriam outra oportunidade de acesso ao ensino formal.

## Referências

AGUILAR, Pe. Pedro M.<sup>a</sup>de. *Coleção de manuscritos para exercícios de leitura nas escolas*. Porto: Edição do Autor, s/d (1870?)

AGUILAR, Pe. Pedro M.<sup>a</sup>de. *Papel monitor de escrita* – Exercícios graduais desde os primeiros elementos até ao cursivo. Porto: Edição do autor, s/d (1872?)

ALMEIDA, M<sup>a</sup> Antónia Pires de. A epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa. *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, v.18, n.4, p.1057-1071, 2011

ALVES, M<sup>a</sup> do Céu G. R. L. *Educação especial e modernização escolar*. Estudo histórico-pedagógico da educação de surdos-mudos e de cegos (Tese de Doutoramento em Educação/História da Educação) - Instituto de Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2012

AMAYA, J. J. & BORGES, C. Editorial. *Revista O Ensino Livre*, nº 30, p. 2-3 e 5, 28 de abril, 1872

BAPTISTA, M. Implante coclear: A controvérsia na educação da criança surda pré-linguística. In I. SIM-SIM, I (org.). *A criança surda*: contributos para a sua educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p. 101-117

CABRAL, E. Para uma cronologia da educação dos surdos. *Communicare – Revista de Comunicação*, nº3, APECDA-Porto, p.35-53, 2004

CARNEIRO, M<sup>a</sup> João C. M.C.B. *Educação bilingue de alunos surdos. Estudo de caso sobre as percepções dos professores* (Tese de Mestrado em Ciências da Educação, área científica de Educação Especial) - Centro Regional das Beiras em Viseu, Dep.to Economia, Gestão e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa. Viseu, 2012

CARVALHO, P. *História dos Surdos no Mundo e em Portugal*. Lisboa: Surd'Universo, 2007

CARVALHO, P. *História dos Surdos II*. Universidade Católica Portuguesa, 2011

CLODE, João J. P. E. *O Ensino de Surdos-Mudos em Portugal*. A otorrinolaringologia em Portugal. Lisboa: Círculo Médico – Comunicação e Design Ld.<sup>a</sup>, 2010

COSTA, D. António da. *No Minho*: Assombro dos surdos-mudos de Guimarães. Lisboa, Imprensa Nacional, 1874

COSTA, D. António da. Aguilar. Occidente *Revista Ilustrada de Portugal e Estrangeiro*, 2.º anno, Vol. 33, p. 66-67, 1 de maio, 1879

COSTA, D. António da. O Padre Aguilar. *Revista do Bem* (Lisboa), nº 92, p. 3-6, 1909

COSTA, Sousa. Prefácio. In: OLIVEIRA, Pe A, d', *Unamo-nos*. Lisboa: Edição do Autor, 1924.

DIAS, Joana F. S. C. *Nós, os/as Surdos/as*. Construção da Liderança Surda no Seio do Movimento Associativo (Tese de Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto. Porto, 2014

DINIZ, Aires A. O ensino dos anormaes – preocupações em Coimbra e em Portugal no início do século XX. *Educar*, Curitiba (Editora UFPR), n. 23, p. 245-263, 2004.

FERNANDES, Rogério. As origens do Ensino Especial: o primeiro Instituto de Surdos-Mudos e Cegos. *Revista Educação Especial e Reabilitação*, Lisboa, V. 1, nº 2, p. 57-7, Dez., 1989.

FERREIRA, A. V. Subsídio para o estudo da história da educação de surdos em Portugal. In BISPO, M., COUTO, A., CLARA, M., & CLARA, L. (Coord.), *O gesto e a palavra I - Antologia de textos sobre a surdez*. Lisboa: Caminho, 2006, p. 57-81

FILIPPE, José da Cruz. O ensino dos surdos-mudos pelo método oral. *Anuário da Casa Pia de Lisboa*, Lisboa: Casa Pia de Lisboa, 1918

FUSSILIER, Anicet. Esboço histórico do ensino dos surdos-mudos em Portugal - "Padre Pedro Maria de Aguilar". *Revista de Educação e Ensino*, Vol. 9, Ano IX, p. 21-30, 1894

LANE, Harlan A. Máscara da Benevolência. *A Comunidade Surda Amordaçada*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1996.

LE MOS, Álvaro Viana de. Aguilar (Pe. Pedro Maria de). In *Enciclopédia Pedagógica Progredior* (Porto), p. 515-516, s/d

MARTA, Ilídio da Silva. *Pinhel Falcão*. 2.<sup>a</sup> ed. Pinhel: Câmara Municipal de Pinhel, 1996

O ENSINO LIVRE. Surdos-Mudos. *O Ensino Livre*, nº 35, p. 3, fevereiro, 1872

PINHEIRO, J. E. M. *Do ensino normal na cidade de Lisboa, 1860-1960*. Porto: Porto Editora, 1990

PRIMEIRO DE JANEIRO, *O surdo-mudo pode ser surdo falante*, nº 215, p. 1 e 3, 11 Setembro, 1909

RIBEIRO, Maximina M<sup>a</sup> G. da Cunha. Iniciativas (antigas) surgidas no Norte e no porto para a criação de ensino para surdos. *Tripeiro* (associação Comercial do Porto), 7.<sup>a</sup> Série, Ano XXII, nº 10, p. 202-217, outubro, 2003

RIBEIRO, Maximina M<sup>a</sup> G. da Cunha. Perspetiva histórica do ensino da pessoa surda: O Instituto Araújo Porto. *Revista Saber & Educar* (ESE de Paula Frassinetti do Porto), nº 14, p. 1-10, 2009

SANTOS, Ary dos. *O ensino dos Surdos-Mudos em Portugal*, Lisboa, Tip. Casa Portuguesa, 1913.

SARAIVA, Evaristo G. Reforma Escolar - II - (Alimentação). *Revista de Educação e Ensino*, Vol. 7, Lisboa:Guillard, Aillaud& C.<sup>a</sup> Editores, 1892

TRINDADE, Joaquim José da. *Exercícios de observação e de linguagem conforme as 600 gravuras do album 'O Portuguez pela imagem' (tradução e adaptação da obra de BoyeretPautré)*. Porto: Oficina Typographica do Instituto de Surdos-Mudos Araújo do Porto, 1906.

VALENTE, Ana; CORREIA, M João, & DIAS, Rui. Surdez: duas realidades interpretativas. In ORQUÍDEA COELHO (Coord.), *Perscrutar e Escutar a Surdez*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 2005, p 81-90

Recebido em: 31/07/2018

Aprovado em: 11/12/2019